

Limites e possibilidades de (re) invenções de si em histórias de amor¹.

Nadia Nogueira*

Singularidade das personagens

O que me fascinou no estudo das personagens Lota de Macedo Soares (1910-1967) e Elizabeth Bishop (1911-1979) foram as maneiras diferenciadas que elas estabeleceram na relação entre si e com o meio social à sua volta, em um período marcado pelo discurso normatizador, que colocava as mulheres no papel de mães felizes e dedicadas. A casa de Samambaia, onde viveram por dez anos consecutivos entre 1951 e 1961, reflete uma flutuação das fronteiras entre o público e privado, à medida que foi também um espaço de sociabilidade composto por pessoas escolhidas para compartilharem essa relação amorosa: escritores, jornalistas, artistas, uma família eletiva. Havia regras sociais bem definidas entre elas e os prestadores de serviço desse cotidiano, pois os problemas destes eram também delas, na medida em que elas tomaram para si as decisões quanto aos batizados, casamentos e dificuldades na educação dos filhos.

Nesse período, tanto Lota como Bishop produziram obras importantes e definitivas. Lota, que não conseguia encontrar uma atividade na qual pudesse se ocupar e ter reconhecimento público, construiu uma casa moderna em Samambaia, Petrópolis, considerada um marco arquitetônico e supervisionou as obras do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro. Obras que marcam diferentes maneiras pelas quais ela se deixou ver, se reinventou subjetivamente ao assumir projetos de grande escala, pelas quais pôde ser conhecida. Bishop compôs a maior parte de seus escritos poéticos durante essa época, além de ganhar o prêmio Pulitzer de poesia em 1956 e ter seus contos reconhecidos pelos editores. A construção dessas obras marca diferentes maneiras pelas quais elas se deixaram ver, se (re)inventaram subjetivamente ao assumirem projetos de grande escala.

¹ Este paper trata de uma versão parcialmente modificada da minha tese de doutorado, apresentada no IFCH da Unicamp em dezembro de 2005, sob o título: Amores e Desencontros no Rio de Janeiro dos anos 1950-1960. Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Esse trabalho foi posteriormente transformado em livro: NOGUEIRA, Nadia. Invenções de Si em histórias de amor: Lota & Bishop. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

* Doutora em História (IFCH/Unicamp). Pesquisadora-colaboradora do Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade – NUGEX -da Universidade do Estado da Bahia/Uneb. na.nog@hotmail.com

Essa relação de amor pode ter potencializado algo que já traziam em seu interior e é possível pensar que essa experiência fez emergir, através do cuidado de si e entre si, pela possibilidade de olhar para o próprio passado a partir de novas perspectivas, à medida que elas criaram um universo particular na casa onde viveram, onde puderam praticar sua história de amor entre pessoas tão diferenciadas, eleitas para esse convívio.

Maria Carlota Costallat de Macedo Soares, ou Lota, mulher da elite carioca, nasceu em Paris, em 1910. Seu pai, o jornalista e político José Eduardo de Macedo Soares, fundou o jornal *Diário Carioca* em 1928 e dele se utilizou para lutar pela redemocratização do país durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Os ataques proferidos por ele em seu jornal levaram-no ao exílio; Lota e Marieta – sua irmã – estudaram nesse período em um colégio de freiras, na Bélgica².

No início da década de 1940, Lota morou em Nova York e, nesse período, trocou correspondência com o escritor Mario de Andrade para organizarem uma mostra de artistas brasileiros com o auxílio do Museu de Arte Moderna de Nova York. Há algumas cartas dela ao escritor, nas quais relata seu entusiasmo nesse empreendimento e pede o seu auxílio no projeto. Nos anos 1950, construiu uma casa moderna em Samambaia, com o auxílio do arquiteto Sérgio Bernardes. Nos anos 1960, supervisionou a construção do Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro.

Elizabeth Bishop nasceu em Worcester, Massachusetts, Estados Unidos, em 1911, em uma próspera família da área de construção civil. A morte prematura do pai, quando ela tinha apenas oito meses, provocou em sua mãe um processo depressivo irreversível. A pequena foi morar com os avós maternos em uma aldeia de pescadores em Great Village, na Nova Escócia. Não conviveu com a mãe, que permaneceu internada em clínicas psiquiátricas até a morte em 1934. Estudou em colégios de meninas da elite norte-americana, Walnut Hill, e, depois, o Vassar College, onde também estudaram Jackeline Kennedy e a escritora Mary MacCarthy. Com a conclusão dos estudos foi morar em Nova York. Em 1950, aceitou o cargo de consultora de poesia da Biblioteca de Washington e desgastou-se física e emocionalmente nesta função, o que agravou seus problemas de asma e com o álcool. Resolveu então fazer uma viagem de circunavegação pela América do Sul. Partiu de Nova York em novembro de 1951 e,

² OLIVEIRA, Carmen L. Flores Raras e Banalíssimas. A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 2ª. edição.

depois de 17 dias a bordo, desembarcou no porto de Santos, no Brasil, onde faria uma escala de alguns dias. Foi para o Rio de Janeiro a convite de Lota e Mary Morse. Acabou permanecendo por quase vinte anos no país, entre 1951 e 1970.

A (re) invenção de si em espaços outros

A discussão proposta gira em torno do tema da (re) invenção de si, o que supõe uma crítica à visão essencialista do sujeito, que genericamente apresenta a mulher destinada biologicamente a desempenhar as funções de mães e esposas, como se fosse designado a elas um destino inexorável, do qual não há possibilidade de fuga. Como vários estudos já demonstraram nas últimas décadas, o ser mãe não é uma necessidade inerente à condição feminina, apesar disso, o discurso dominante e disciplinador dos anos de 1930-1960 representou as mulheres no desdobramento destas funções, como responsáveis pela felicidade da família e pela alegria do lar. No entanto, existiram mulheres que criaram linhas de fuga, desterritorializando seu lugar de ação, criando outros espaços para suas experiências amorosas, afetivas e sexuais.

Apesar disso, Lota e Bishop não foram as únicas que inauguraram um modelo de relação amorosa diferenciada, outros casais de mulheres as antecederam, no Brasil e em outros países, como a escritora Gertrude Stein e sua secretária Alice Toklas; o célebre casal Jane Adams, que telegrafava para os hotéis pedindo cama de casal para ela e sua companheira Mary Fields na década de 1920, nos Estados Unidos ³.

Contudo, a relação amorosa entre duas mulheres levanta certas questões sobre as representações cristalizadas que se constituem e se tecem no período estudado e que me levaram à pesquisa histórica. Perguntas que permitem pensar a história de amor e na subjetividade vivenciada por Lota e Bishop, que tiveram o auge da sua produção intelectual, artística e profissional no contexto de seu forte relacionamento.

O reduzido número de trabalhos que abarcam as relações homoeróticas femininas⁴ no Brasil foi também o ensejo inicial para essa pesquisa. Afinal, porque na

³ ORAM, Alison & TURNBULL, Annamarie. *The Lesbian History. Sourcebook. Love and Sex Between Women in Britain from 1780 to 1970*. London/New York: Routledge, 2001, p. 51.

⁴ Ver a respeito: COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício. Estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 21, 3ª edição.

sociedade brasileira, relacionamentos e pessoas que não estão enquadradas nos papéis tradicionais de gênero, têm pouca ou nenhuma visibilidade?

Onde estavam as mulheres brasileiras envolvidas nessas práticas, quase invisíveis na História? Por que são tão poucos os trabalhos que permitem tal visibilidade? Por que a sociedade brasileira insiste em dizer que o amor entre mulheres é uma anormalidade, uma doença? Ou será que essa sociedade procura ocultar aquilo que é visível, apenas encapsulado pelo medo, pelo constrangimento, pela vergonha?

Admito que caí na armadilha de pensar que, na sociedade brasileira, a homossexualidade poderia não ser um problema, ao menos nas décadas de 1950-1960. Afinal, as relações íntimas anunciadas por Gilberto Freyre⁵ fizeram emergir, no imaginário ocidental, um país em que a sociedade se estruturou a partir das práticas sexuais entre os diferentes. Por que, então, a homoafetividade feminina não poderia estar entre essas práticas? Por que mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente foram construídas nos discursos como doentes, nocivas ao convívio social e, portanto, estas características fizeram delas seres que tiveram que esconder seu desejo, seu amor? Como a pesquisa demonstrou, este é de fato um problema, em função do número reduzido de fontes, do medo e do constrangimento sentido por essas mulheres.

Portanto, tornar públicas formas de relacionamento que romperam com os paradigmas tradicionais permite refletir sobre um moderno estilo de vida, relacionado a uma certa estilização dos comportamentos que os sujeitos desempenham no seu cotidiano⁶. Procuro apresentar outros elos afetivos capazes de contribuir para que façamos da vida aquilo que queremos e não a reprodução do que querem de nós, o que possibilita a (re) invenção de si, por meio da criação de múltiplas formas de existência.

A escrita, como possibilidade de (re) invenção de si

A construção dessa história passa pela maneira como as personagens reinscreveram seu lugar na sociedade através de uma sociabilidade vivida no privado. A casa emerge, nesse caso, como o espaço de alívio para a tensão presente em uma relação proibida socialmente. A casa, como lugar onde seus habitantes inventaram seu

⁵ FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997, 32ª edição, (1ª edição, 1933).

⁶ ORTEGA, Francisco. Amizade e Estética da Existência em Foucault. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

cotidiano, *como espaço de espontaneidade do sonho partilhado a dois* ⁷. Um lugar privilegiado da intimidade, propício às relações com o outro, no qual os objetos são também um *registro da existência íntima conservados pela imagem ou pela escrita* ⁸.

Assim leio as cartas escritas por Elizabeth Bishop, nas quais ela troca idéias, sentimentos, emoções, durante os anos em que viveu no Brasil. São pessoas amigas, profissionais da área de literatura, escritores e críticos literários, artistas, músicos. Seu epistolário forma uma espécie de *objetos relíquias, dotados do poder de lembrar os amores e as amizades*, aflorando a sociabilidade da casa, a intimidade da esfera privada na qual ela se deixava ver e falava de si sem querer *preservar o próprio eu*. Documentos que inscrevem os hábitos, as atitudes do cotidiano, todo um desenho multifacetado, em que se misturam diversos espaços, múltiplas vozes fragmentadas ⁹, lugar, enfim, do espaço individual e do núcleo social que se consolidou em Samambaia, o que permitiu anunciar modos específicos de viver e de agir. Nesse lugar, a unicidade da vida social e da intimidade cedeu lugar a uma micro-história do sentir e do amar, algo que pode ser problematizado na relação entre história e sensibilidade, ou uma *história do coração* ¹⁰.

A historiadora francesa Michelle Perrot nos lembra também que os registros das mulheres estiveram ligados ao lugar ocupado por elas na sociedade, sendo em geral uma memória do íntimo, nos quais os arquivos privados representam uma espécie de “sótão da história”, como os livros de anotações da casa e as correspondências familiares.

As cartas, na qualidade de *escrita de si*, apresentam-se como documentos íntimos e pessoais, nos quais se permite *deixar-se ver*, constituindo-se assim em uma forma de prazer, um meio de metamorfosear os próprios sentimentos. A escrita íntima e pessoal como uma maneira de estilizar a própria existência, revelando o eu e, ao mesmo tempo, ocultando sutil e secretamente os sentimentos e as emoções ¹¹.

A história de amor e a reinvenção cotidiana do relacionamento dessas duas mulheres foram o ensejo para esse trabalho. Pergunto ainda: quais as pessoas que

⁷ BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 26.

⁸ RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.), *História da Vida Privada* vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 231.

⁹ FOUCAULT, Michel. *A Escrita de Si*, In *O que é um autor?* Lisboa: Veja Passagens, 1992.

¹⁰ PERROT, Michelle. *Introdução*. *História das Mulheres no Ocidente*, vol. 4, O Século XX. Porto: Afrontamentos & São Paulo, Ebradil, 1990.

¹¹ FOUCAULT, M. Op. Cit. 1992.

transitaram ao seu redor? Que tipo de sociabilidade se estabeleceu entre elas e outras pessoas da sociedade carioca? Quais estratégias foram criadas para elas viverem o amor, a amizade? Que relações estabeleceram entre si, com a família e as demais instituições?

Nas cartas, Bishop relata aos amigos distantes as relações pessoais, os sentimentos e a memória dos tempos vividos no Brasil, ao lado de Lota. Documentos sobre as práticas do privado, no qual emerge um desenho multifacetado: falas que se misturam a vários tempos, a diversos espaços, a uma multiplicidade de vozes, quase sempre fragmentadas. Cartas que refletem, também, o bem estar que estava sentindo, apesar de um constante contraste, entre gostar muito e as condições adversas do país, onde o grau de seriedade e de praticidade era bastante questionável, mas que para ela refletiram positivamente, como afirma: *estou trabalhando de verdade, escrevendo poemas, uns contos e um poema longo sobre o Brasil.*

Bishop começara, no Brasil, a exercer um cuidado de si ¹², a tomar conta de si, a preocupar-se consigo mesma e a construir para si uma vida mais digna. Relata para sua médica, sua confidente mais íntima, a quem recorreu nos momentos mais difíceis de sua vida, a mudança milagrosa pela qual estava passando. Não sabia afirmar ao certo se o consumo de cortisona - para evitar as crises de asma - ou o carinho que sentia na dedicação de Lota por ela, estavam sendo os elementos para essa situação nova em sua vida. O certo é que estava bebendo menos, no máximo uma ou duas vezes por mês e parava antes de ficar mal, e não tinha mais crises de remorso em relação a isso. Diz:

Passei por uma transformação milagrosa, quanto à bebida e quanto ao trabalho. Pensando bem, não é um milagre nenhum – é quase exclusivamente fruto do bom senso e da bondade de Lota. Continuo tendo a sensação que morri e fui para o céu sem merecer, mas já estou me acostumando um pouco com a idéia ¹³.

Os problemas com o álcool, a asma constante e o consumo de cortisona para controlá-la fizeram Bishop sair de seu peso, engordando muito em algumas ocasiões, o que sempre foi um problema para ela. Além disso, ela jamais pensou em dirigir um

¹² FOUCAULT, M. História da Sexualidade, vol. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 50.

¹³ BISHOP, Elizabeth. Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução: Paulo Henriques Britto.

carro, não se sentia segura, mas, o incentivo de Lota para que comprasse um, que dirigisse e cuidasse de sua saúde, fez com que ela adquirisse um tão sonhado automóvel, como ela conta sobre os caminhos que precisou trilhar para essa aquisição:

Eu e Lota ficamos empolgadíssimas - com o anúncio de dois MGs - fomos ao Rio e comprei um deles. Um MG 1952, muito pouco usado, preto, forrado com couro vermelho – só dois lugares. Tive minha primeira aula ontem e foi só então que comecei a sentir que o carro era meu [...]. Meu conto que vai sair na New Yorker vai dar certinho para o preço ¹⁴.

A relação amorosa de Lota e Bishop parece ter possibilitado a elas a reinvenção de si mesmas, no sentido de criar novos modos de nomear e significar as práticas sociais, sexuais, cotidianas, e também de dar conta dos múltiplos significados dessas práticas e experiências. Uma relação que pôde se dar pelo crescimento de ambas: Lota, tornando-se uma mulher pública ao assumir as obras do Parque do Flamengo, e Bishop, produzindo contos, poemas, *trabalhando de verdade* como escreveu em várias cartas.

Vozes múltiplas e dissonantes

Lota Macedo Soares, como a maioria das mulheres da sua geração, não cursara uma Universidade, embora tivesse amplos conhecimentos em pintura, arquitetura, urbanismo, paisagismo, artes e design. Foi para Nova York, na década de 1940, a fim de encontrar uma atividade na qual pudesse se dedicar no Brasil. Como diz David Weimer, que morou no Rio e costumava visitar a casa de Samambaia: *Lota parecia não acreditar nos seus conhecimentos, na sua capacidade de conduzir pessoas, de dirigir obras, de criar, de ser respeitada naquilo que sabia fazer ¹⁵.*

Uma brasileira que pertencia à alta sociedade carioca, no entanto, não conseguia encontrar uma ocupação profissional, na qual pudesse mostrar seus talentos. Sentia-se inadequada, fora dos padrões. Pertencia a uma família de grandes proprietários de terras por parte da sua mãe D. Adélia, de quem herdara as terras de Samambaia, em

¹⁴ Idem, ibidem. Carta Para Kit e Ilse Barker, de 08 de outubro de 1953, p. 291.

¹⁵ Idem, ibidem. p. 173.

Petrópolis, que foram divididas com sua irmã Marieta. O pai, o jornalista José Eduardo de Macedo Soares, pertencia a uma família de políticos, diplomatas e advogados. A separação dos pais causou profundo pesar na filha, que passou a rejeitá-lo e a culpá-lo por seus problemas. De acordo com Elodie Osborne, que foi amiga de Lota e diretora da Mostra de obras circulantes do Museu de Arte Moderna de Nova York: *Lota sentia que o pai não gostava dela, que preferia a irmã, mais bonita e mais enquadrada nos padrões femininos do período*¹⁶. Marieta gostava de festas, roupas e jóias, estava sempre com roupas da moda, maquiada, bem trajada; Lota preferia usar os cabelos curtos, fumar, dirigir um carro conversível e, namorava mulheres.

Percebe-se uma multiplicidade de vozes que se unem para formar um consenso em relação à Lota. Penso que devam ser questionadas para não se perpetuar uma interpretação unívoca. Contudo, são falas que se entrecruzam, se conectam, se assemelham e se distanciam. Formam um tecido documental que parecem falar a mesma coisa ao agenciar a sua trajetória de vida.

Na década de 1940, Cândido Portinari foi convidado para pintar os murais da Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso de Washington, considerada na época *a mais bela decoração mural realizada nos Estados Unidos*¹⁷. Em 1941, Lota foi a Nova York para ver a obra do pintor e amigo Cândido Portinari, quando conheceu o Museu de Arte Moderna, ficou entusiasmada com o trabalho que estava sendo desenvolvido: mostras circulantes de arte. O pintor brasileiro apresentou-a para o diretor do Museu, Monroe Wheeler, que imediatamente se tornou seu amigo dela e a levou para conhecer a diretora dessas mostras, Elodie Osborn Courter.

De acordo com a carta enviada de Nova York por Lota ao escritor e crítico Mário de Andrade¹⁸, Elodie, uma das diretoras do Museu, faria uma exposição circulante dos artistas brasileiros, que seriam enviados por ele. Não seria difícil, com a ajuda dele, que realizassem uma mostra com o melhor que havia sendo praticado em termos de arte no Brasil. Apesar do seu enorme talento e conhecimento, Lota não sabia que tipo de atividade poderia exercer no Brasil. Ficou completamente encantada com o

¹⁶ Idem, *ibidem*. p. 134.

¹⁷ SOARES, Lota. In jornal *Diário de Notícias*, 27 de fevereiro de 1942. Arquivo Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Neste arquivo, encontram-se seis cartas enviadas por Lota ao escritor Mário de Andrade (AMA-IEB-USP)

¹⁸ Idem, *ibidem*. Carta de Lota para o escritor Mário de Andrade, 12 de novembro de 1941.

trabalho realizado pelo Museu e chegou a apresentar o projeto em fevereiro de 1942, da mostra que pretendia realizar em Nova York, no jornal carioca *Diário de Notícias*.

Na conversa que teve com Elodie, Lota ficou muito entusiasmada com o que as mulheres faziam nos Estados Unidos. A americana tinha terminado a Universidade em Wellesley, especializada em história da arte, e conseguira um bom emprego no Museu. Lota já havia feito cursos de pintura com Portinari; aulas de arquitetura com Carlos Leão, que a considerava uma arquiteta nata, mas não conseguia exercer de fato uma atividade profissional. Ficou fascinada com o trabalho de Elodie e explicou-lhe em uma conversa qual era o seu grande objetivo e porque estava infeliz: ela não se via como sua irmã Marieta, uma pessoa mais enquadrada aos padrões, não tinha pretensões de fazer algo parecido, como freqüentar festas, comprar roupas caras, por isso se sentia como um *patinho feio* e sentia que por isso o pai não a respeitava, não a admirava.

Fez análise nesse período e depois disso ficou realmente mais confiante e determinada, entendeu porque não se sentia bem em nenhum lugar, o que para ela estava até então relacionado à rejeição do pai. Apesar de Lota se sentir feia, as pessoas que conviveram com ela a descreveram como uma mulher forte, elegante, determinada.

Depois desse período em Nova York, voltou disposta a colocar em prática seus conhecimentos. Urbanizou as terras que deram origem à casa de Samambaia, que ela herdara de sua mãe. O terreno foi loteado e ela então decidiu construir sua primeira casa e, em seguida, a casa de Samambaia que *resumia suas idéias apaixonadas sobre arquitetura moderna*¹⁹. Nesse lugar, ainda em construção, ela e Bishop viveram entre os anos de 1951 e 1961, em meio a insetos, lampiões, pedreiros e visitantes esporádicos. O encontro com Bishop parece ter proporcionado a Lota uma energia complementar para dirigir a obra e viver em condições inóspitas, mesmo sendo ela *muito anglófila*, como costumava afirmar Bishop na sua correspondência.

A execução da obra foi um sucesso, o arquiteto Sérgio Bernardes recebeu o prêmio na II Bienal Internacional de Arquitetura para arquitetos com menos de 40 anos em 1954, pelo projeto da casa. A obra ainda estava em construção, foi necessário organizar um ambiente para as fotos, as visitas para conhecer o projeto, disposição e paciência para agradar a todos. E elas estavam dispostas a conviver com pedreiros, com

¹⁹ OLIVEIRA, C. Op. Cit. 1996, p. 20.

explosões matinais de blocos de pedra, a construir uma piscina com água corrente, uma estrada, um estúdio para Bishop trabalhar.

Em uma longa carta escrita para sua médica, a doutora Anny Baumann, Bishop admite sua felicidade em viver no Brasil ao lado de Lota, em se adaptar aos hábitos confusos e pouco objetivos dos brasileiros. Descreve em detalhes o tucano Sam que ganhara no seu primeiro aniversário no país e sobre os desejos que aqui se realizam tão depressa, que *quase chega a ter medo de desejar alguma coisa*²⁰.

Com as obras da casa concluídas em 1957, elas foram passar seis meses em Nova York. Na volta, nova sensação de Lota de não estar fazendo nada, de não se dedicar a uma atividade que pudesse ser vista e valorizada, como um legado, uma contribuição. Queria mais, ousar em algo que ficasse marcado como seu.

No final de 1960, Carlos Lacerda, seu vizinho em Samambaia e amigo de longa data, venceu as eleições para o Governo do recém criado Estado da Guanabara. Com a mudança da capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, em abril de 1960, o antigo Estado foi fragmentado em dois: o Rio de Janeiro e a Guanabara. O novo Governador pede então à amiga que colabore com ele no Governo, que escolha uma atividade na qual usasse seus talentos que ele tanto admirava e confiava.

Depois de muito divagar, com a ajuda do amigo Oscar Simon, Lota escolheu o entulho que ficava na frente do apartamento do Governador no Flamengo. Aquele monte de terra provinha da área correspondente ao Aterro do Flamengo, uma obra que aterrou mais de um milhão de metros cúbicos do mar e deu origem ao Parque. Lota colocou seu talento em prática e realizou uma obra de enorme extensão que se encontra na cidade do Rio de Janeiro, para que possa ser vista, apreciada ou criticada.

Lota ficou tão entusiasmada com o projeto, que estava engavetado desde 1958, quando as terras provenientes do desmonte do Morro Santo Antônio foram lançadas naquela baía. Ao assumir o cargo nas obras do parque, convidou o arquiteto Affonso Reidy que fizera o projeto original, para um final de semana em Samambaia. Quando ele chegou, *encontrou o projeto espalhado na sala de Lota*, não tinha como recusar o pedido dela²¹. O envolvimento de Lota com o trabalho foi intenso, não mediu esforços

²⁰ Idem, *ibidem*. Carta para a doutora Baumann, 28 de julho de 1952, p. 248.

²¹ BONDUKI, Nabil. *Arquitetos Brasileiros*. Portugal: Editora Nau e Instituto Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, 1982. BN- Rio de Janeiro

e a ele dedicou-se às vezes, por mais de 12 horas diárias, *ele foi sua alegria e sua ruína*. Praticamente morava no barracão construído dentro do parque, supervisionava a obra do maior parque construído naquele período no país, *não o viu pronto*²².

Diante das obras que foram capazes de realizar após seu encontro afetivo e sexual, percebo que Lota e Bishop construíram para si mesmas um estilo de vida moderno, alternativo, no sentido que criaram para si mesmas estratégias de subjetivação. Um processo no qual executaram determinadas ações sobre si mesmas que a transformaram, a fim de que construíssem uma forma desejada para suas existências. Uma relação que oferece uma forma de resistência diante das normas dominantes, como o Estado e as instituições tradicionais: *uma subjetividade como decisão ético-estética, como cuidado de si*²³.

Nas cartas escritas por Bishop encontra-se grande parte das informações, nas quais visualizo essa transformação narrada os amigos, não como uma maneira de se isolar do mundo, mas de se conhecer, de a conhecermos por meio da sua escrita. Uma literatura que Philippe Àries chamou de *autógrafo*²⁴, pois trata-se de escritos sobre si e, em muitos casos, para si mesmos, por serem textos redigidos pelo simples prazer, como diz ela no seu epistolário a amiga Ilse Baker²⁵: *tenho pena das pessoas que não conseguem escrever cartas. Mas desconfio também que eu e você, Ilse, adoramos escrever cartas porque é como trabalhar sem estar de fato trabalhando*.

A casa, ao ficar pronta, tornou-se ponto de encontro de um grupo de pessoas intelectualizadas, por serem na maioria membros da elite carioca, aqueles que *sentem um prazer inédito em ficar em casa e manter relações agradáveis com uma pequena sociedade*²⁶, uma sociabilidade de amigos selecionados, de hábitos sofisticados. Amigos especiais que compreendiam que entre Lota e Bishop a comunicação acontecia pelo olhar, afinal, tratavam-se de duas mulheres que se amavam e que jamais deixaram

²² LESSA, Elsie, amiga íntima de Lota, que esteve com ela alguns dias antes de ela ir para Nova York, escreve um epitáfio: *Lota Macedo Soares*, no jornal O Globo de 06 de outubro de 1967. BN-Rio.

²³ ORTEGA, F. Op. Cit. 1999, p. 23.

²⁴ ÀRIES, P. Introdução. In História da Vida Privada, vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. ÁRIES & CHARTIER, R. (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 11.

²⁵ BISHOP, E. Op. Cit. Carta para Kit e Ilse Barker, 05 de setembro de 1952, p. 291.

²⁶ ÀRIES, P. Op. Cit. 1991.

de assumir perante qualquer pessoa sua condição de amantes, de lesbianas, mesmo em se tratando da misógina sociedade brasileira dos anos 1950-1960.

Desta maneira, noto que é possível pensar nas múltiplas posições dos sujeitos que podem ser acionadas situacionalmente e, neste caso, as identidades sexual e de gênero percebidas como categorias performativas, que não se esgotam nos enunciados, mas também podem ser expressas por meio de articulações contingentes que remetem a diferenças de classe e geração, entre outras possibilidades.

Subjetividades em constante devir

É possível pensar em formas singulares de construção da homossexualidade feminina, formas essas que escapam aos discursos homogeneizantes da produção das subjetividades, algo que está sempre em construção, em devir, que não está acabado, mas que se constitui na pluralidade das experiências, ao longo da existência, permitindo escapes, linhas de fuga em relação à norma. Uma construção que pode ser pensada a partir de devires, que seriam, resumidamente, práticas de desterritorialização dos sujeitos, à medida que se afastam das identidades institucionais, marcadas e nomeadas pelo poder normativo, socialmente estabelecido e nomeado.

A identidade lesbiana foi assim fabricada por um discurso homofóbico, que as inscreveu em categorias identitárias engessadas, que travam qualquer interpretação que se possa dar para além delas. Como nos advertiu Judith Butler: *as categorias de identidade tendem a ser instrumentos de regimes regularizadores, tanto se atuam como categorias normalizadoras de estruturas opressivas, como se servem também de pontos de encontro de uma oposição liberadora dessa mesma opressão*, no sentido que a afirmação da homossexualidade é em si mesma uma extensão do discurso homofóbico. Não havendo nada em comum às mulheres em relações homoafetivas, *a não ser talvez que todas elas conhecem em maior ou menor medida o modo em que a homofobia atua contra as mulheres*²⁷.

A ênfase é tentar romper com a visão de uma sexualidade única para as relações emocionais, afetivas e sexuais entre mulheres, pois não se trata de algo igual para todas, em todos os tempos e lugares, mas de um leque de possibilidades, uma multiplicidade

²⁷ Butler, Judith. *Imitación e insubordinación de género*. In Revista de Occidente, n. 236. Las Intervenciones Humanitarias. Zapatero, Virgilio (org.). 2001, pp. 85-109.

de estilos de vida. Não há um bloco homogêneo e, apesar das muitas classificações, trata-se de pessoas e não das suas práticas sexuais como observado por Tânia Swain²⁸.

A questão do afeto como elemento de aproximação entre duas mulheres é muito valorizada, na qual as primeiras relações são descritas com intenso romantismo, pela singularidade, pelo sentimento inusitado, por sentirem que somente elas teriam vivido algo semelhante: *Eu acho que não é uma coisa ligada ao sexo diretamente. É uma coisa ligada ao sentimento, à energia da outra pessoa*²⁹. O sexo é menos importante que o carinho, o afeto, a emoção, o entendimento recíproco, o companheirismo; ele aparece como consequência e não como causa, pelo qual o prazer sexual está relacionado a uma interação superior. Assim, a relação sexual pressupõe um necessário envolvimento afetivo e emocional entre as parceiras.

Os questionamentos e interrogações colocados pela epistemologia feminista também sugerem que as relações humanas sejam repensadas para além do sistema sexo / gênero, ou seja, das matrizes de inteligibilidade que informam os lugares específicos dos sujeitos a partir de definições corporais, como também das funções sociais que representam e propõem pensar em um não lugar, *um lugar que se inventa em espaços outros, práticas e teorias que atuam nas representações de gênero e fora delas*, o que desestabiliza as evidências modeladas *pela biologia e pela heterossexualidade como prática sexual por definição*³⁰.

Deste modo, é possível pensar em uma transformação das relações humanas, e talvez da própria percepção identitária dos indivíduos em sua materialidade. No lugar de visualizarmos um significante do ser mulher, ou do ser lesbiana, podemos perceber uma *constelação de situações e comportamentos constitutivos de um ser inserido em um social, histórico e espacialmente determinado*. Podemos perceber um sujeito que se constitui a partir de experiências múltiplas em oposição às representações colocadas pelas tecnologias de gênero que, em certa medida, forjaram uma imagem estereotipada *da mulher*, ou *da lesbiana*, o que permite pensar que essas representações instituem certas realidades, das quais os indivíduos se assujeitam ou não.

²⁸ FRY, Peter & MACRAE, Eduard. O que é homossexualismo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²⁹ SBARDELINI, Teresa. Homossexualidade feminina e neuroticismo, 1979. (Dissertação em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, Campinas. p. 121.

³⁰ SWAIN, Tania. As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômades. In labrys, estudos feministas, n. 1-2, julho/dezembro, 2002..

Entretanto, sabemos que esses regimes de verdade são formadores de sentidos e significados sociais para os corpos e as figurações sociais, constituindo mapas interpretativos do mundo e, neste sentido, essas matrizes criam aquilo que deveriam estar explicitando, em sua própria enunciação e repetição. Assim, os sujeitos se elaboram a partir desses enunciados e transgredir ou escapar a esses sentidos significa fazer do próprio corpo um lugar de contestação.

Neste sentido, parece que as mulheres que ousaram amar mulheres, sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, fizeram do seu corpo um instrumento de contestação, para romper com o significante *da mulher*, vista em sua singularidade. No caso das mulheres lésbicas com maior poder aquisitivo, como Lota e Bishop, houve a elaboração para si mesmas de um estilo de vida diferenciado, pois suas condições financeiras privilegiadas permitiram formas de sociabilidade e de convívio não pautados pela auto discriminação, talvez por estarem protegidas nas suas conquistas profissionais. No entanto, sua invisibilidade pode ser percebida como arma de proteção e estratégia de sobrevivência. Refugiar-se em uma casa ou manter-se atrás de portas fechadas pode ser uma tática calculada como uma maneira de melhor enfrentar o mundo e viver em sociedade.

Bibliografia

ÀRIES, P. Introdução. In História da Vida Privada, vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. ÀRIES & CHARTIER, R. (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BISHOP, Elizabeth. Uma arte. As cartas de Elizabeth Bishop. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Tradução: Paulo Henriques Britto.

BONDUKI, Nabil. Arquitetos Brasileiros. Portugal: Editora Nau e Instituto Lina Bo Bardi e Pietro Maria Bardi, 1982. BN- Rio de Janeiro.

Butler, Judith. *Imitación e insubordinación de género*. In Revista de Occidente, n. 236. Las Intervenciones Humanitarias. Zapatero, Virgilio (org.). 2001.

_____, Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o Vício. Estudos sobre o Homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, p. 21, 3ª edição.

- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____, Michel. *A Escrita de Si*, In *O que é um autor?* Lisboa: Veja Passagens, 1992.
- _____, M. *História da Sexualidade*, vol. 3. O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 1997, 32ª edição, (1ª edição, 1933).
- FRY, Peter & MACRAE, Eduard. *O que é homossexualismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LESSA, Elsie, amiga íntima de Lota, que esteve com ela alguns dias antes de ela ir para Nova York, escreve um epitáfio: *Lota Macedo Soares*, no jornal O Globo de 06 de outubro de 1967. BN-Rio.
- NOGUEIRA, Nadia. *Invenções de Si em histórias de amor. Lota & Bishop*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- OLIVEIRA, Carmen L. *Flores Raras e Banalíssima. A história de Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996, 2ª. edição.
- ORAM, Alison & TURNBULL, Annamarie. *The Lesbian History. Sourcebook. Love and Sex Between Women in Britain from 1780 to 1970*. London/New York: Routledge, 2001.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- PERROT, Michelle. *Introdução. História das Mulheres no Ocidente*, vol. 4, O Século XX. Porto: Afrontamentos .& São Paulo, Ebradil, 1990.
- _____, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- RANUM, Orest. *Os refúgios da intimidade*. In ÀRIES, P. & CHARTIER, R. (orgs.), *História da Vida Privada* vol. 3. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SBARDELINI, Teresa. *Homossexualidade feminina e neuroticismo*, 1979. (Dissertação em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica, Campinas.
- SWAIN, Tania. *As teorias da carne: corpos sexuados, identidades nômade*s. In *labrys, estudos feministas*, n. 1-2, julho/dezembro, 2002.